

4ª PARTE

DISCURSOS

Discurso de Posse

Durval Aires Filho

Ao tomar posse neste sodalício, recorro ao tempo remoto até alcançar a lembrança do anglo-cearense Barão de Studart e do conterrâneo Thomaz Pompeu de Sousa Brasil que se soltaram do mundo, com acendrado idealismo, para que eu possa estar aqui em viajada voz falando a esta agradável plateia.

Sinto-me imensamente honrado em tornar-me confrade de grandes cearenses entre os quais tive o prazer de conhecê-los antes e depois do ingresso nesta academia. É um privilégio estar nesta casa nivelado a tantos nomes, muitos deles me orientaram, encaminharam para este destino, lembrando longas e intermináveis conversas que travei algum dia com Francisco Carvalho, Moreira Campos, F. S. Nascimento, Pedro Paulo Montenegro, Luciano Maia, Ernando Uchoa Lima, José Augusto Bezerra, Ubiratan Aguiar, Virgílio Maia, Teoberto Landim, Noemi Elisa Aderaldo, Carlos Augusto Viana, Pedro Henrique Saraiva Leão e José Telles, quando eu ainda era uma esperança.

A propósito, indaga Hernán Miranda, em suas *Viajes Inconclusas*:

“Será que nascemos entre promessas?
Juramento de amor de quem nos
engendraram?
que seremos testemunhos, que teremos
que dar conta?
de quantos aqui ocorra, de quantos nos
suceda?”

Os escritores nascem a partir da convivência com a palavra. Meu pai era um periodista de profissão, retornava do trabalho com muitos quilos de jornais, repletos de suplementos literários e livros que lhes eram ofertados à espera de alguma resenha. Desta forma, desde os primeiros anos, vivi entre impressos, assim, fui selecionado.

A minha presença nesta Casa é a resposta ao poeta chileno. É claro que fui uma promessa. Também fruto do amor honesto de meus queridos genitores, Dona Alberice, que está na primeira fila deste auditório, e Seu Durval. Cá estou como testemunha, a prestar contas, mas de forma suave, com as prudentes razões temporais. Venho desses homens, muitos já se foram, mas com eles ficarei enquanto estiver neste espaço.

Todavia, devo agir semelhante a um personagem inovador de Julio Cortázar: a posição de um magistrado que aparta o acusado da testemunha e que não julga, mas simplesmente separa as terras negras das águas límpidas, para que, ao fim, alguma vez, não surja uma pátria de homens com um amanhecer tenebroso, à margem de um tempo mais limpo e menos turvo.

Alguma coincidência deste texto de 1966 com esta época amarga que estamos a passar não será mera conjectura. A literatura está sempre a advertir em qualquer tempo.

Forjar um escritor não é uma tarefa fácil. Antes de ser profissão, figura como arte. É preciso vocação artística. Mais: o embate com a palavra. Muitas leituras. Dominar as técnicas. Cambiar experiências. É um mundo de conceitos, noções, referências e clivagens. A consagração do estilo, lembrando Paul Valéry, é semelhante à imagem de um grande leopardo cuja sombra é o somatório de muitas ovelhas, de inúmeras presas assimiladas.

A Cadeira nº 40 que, a hora, honrosamente adjudico, constitui uma vaga, dentre as poucas, que normalmente não foi ocupada por nenhum escritor voltado à ficção, mas nomes fixados à medicina. Antônio Carlos Secchin, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, foi preciso na observação:

"Ainda que não colocados no pódio de solistas, participamos de concerto de muitas vozes? e talvez seja esta uma das mais nobres missões da Academia: convocar a vida dos mortos, despertar contra o esquecimento as palavras

represadas no sono dos livros, fazê-los fluir para que venham integrar-se à interminável música da literatura.”

Pois bem: o médico sobralense e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Visconde de Saboia, foi o fundador desta cadeira, seguido por outro profissional da medicina, o Dr. Leiria de Andrade que, com sua partida, foi sucedido por Pompeu Filho, que era também médico. Artur Eduardo Benevides, tio do acadêmico e Deputado Federal Mauro Benevides, foi o último titular desta quadragésima Cadeira.

Ocupo-me, unicamente, do trovador pacatubano, como ele próprio se definiu. Certamente, eu lhe apresentaria como “um homem chamado poema”. No final dos anos 50, em longos versos que compôs em poema prosa para “Ode com Final para Pianoforte”, o poeta fez um círculo de giz e demarcou seu endereço:

“meu domicilio é o poema
Nele
me renovo e dou sinais ao mundo”

Antes de tudo é interessante notar a força e a perenidade da obra artuzeana. Como os grandes poetas da pós-modernidade, o drama pessoal de Artur se confunde com os problemas estéticos da nova poesia. Seu dilema maior partia de sua condição lírica: a expansão de seu eu, a ponto de colocar o poema como uma «invenção terrível» assim «além dos meus domínios», como uma radiografia subjetiva capaz de expor «a minha nudez diante dos navios».

Ainda prosseguindo na coletânea *O habitante da tarde*, conforme Artur, o poema seria “a palavra lutando contra o esquecimento”, “uma cruz pesada”, ao ponto de sentir “o sono das palavras”. Acontece que a poesia não dorme. Ao contrário, apresenta olhos bem vivos, como uma “espécie de visão liberta das limitações da própria visão” lecionou Maurice Blanchot. Seu lugar vai mais além do espaço filosófico. A poesia

suscita questões que escapam a qualquer questionamento. Nesse sentido, ela tem linguagem divina. Benevides canta:

“sou parte de Deus
E nunca hei de soltar o manto da elegia”.

Esse idioma que fala o poeta tem um curioso efeito para dissolver tudo, numa posição decididamente errática em relação ao nome que se solidifica, para justamente “renomeá-lo”, a margem do “Crátilo”, ou “resignificar-se” e criar raízes. Por isso, afirma Artur Eduardo Benevides, a poesia está em todos nós “como uma árvore plantada no silêncio”.

Baseado em seus bibliógrafos, o poeta começou a gostar de versos desde os seus primeiros movimentos de vida inteligente. Devido a pouca idade, saudava os ouvintes, discursando sobre uma lata de querosene, transformando-a em um púlpito, o que era retribuído com unânimes salvas de palmas, quando finalizava suas recitações, memorizando os poemas dos principais nomes do parnasianismo e do simbolismo, sentindo-se, assim, a cada dia, mais empolgado com o gênero, ao ponto de acreditar que a poesia poderia unir a humanidade, na evolução de um grande abraço fraterno, admitindo como algo urgente e necessário. Como ele próprio revelou, em entrevista que concedeu ao poeta e diplomata Márcio Catunda:

“o que está faltando aos homens do nosso tempo, em última análise, é um pouco mais de poesia que os encaminhem para a estrada de Damasco dos sonhos que não morrem”.

Definido que o seu domicílio era o poema, Artur Eduardo Benevides adota a poesia com inúmeras aplicações teóricas e práticas, convertendo-a em sua fé sagrada, numa espécie de religião em que professava sua esperança, a salvação dos homens, sua razão de estar no mundo “móvementando-se com sombra”.

Há quem polemize, nos estertores da criação literária, a questão de que o escritor, para ser legítimo, teria que provar uma experiência amarga na infância. Escritores nacionais, como Graciliano Ramos, defendiam essa amargura. Romances como *Oliver Twister*, do clássico Charles Dickens, e *As Cinzas de Ângela*, de Frank MacCourt, que relatam a infância miserável de seus personagens, fizeram e ainda fazem sucesso perante o público leitor.

Em linha oposta, no entanto, a infância de Artur Eduardo Benvides foi feliz, contrariando aqueles que pensavam que a meninice repleta de sofrimento seria determinante para o futuro de qualquer escritor. Mas isto é apenas uma opinião que pode ser revestida em confessáveis preconceitos. Não há autores enriquecidos, remediados e miseráveis. Existem textos que, aí, sim, podem ser ricos, medianos ou pobres. E, o “príncipe dos poetas cearenses”, egresso de uma infância alegre e saudável, deixou um legado precioso, acima de qualquer generalização.

A propósito, sua recordação da infância em Pacatuba foi “azul e suave”, cuja nostalgia está bem refletida no “Momento à Sombra da Aratanha”, poema em que Artur evoca as meninas que passavam frente a sua casa na pacata aldeia “carregando a tarde e a vida”. Nessa imagem idílica, o poeta sofreu com o destino dessas mocinhas e converteu esse sofrimento em canto, fixando-as definitivamente em algo que o iluminou em grande flash:

“a dor que em mim visita
acendeu candelabros de poesia”.

Criado em ambiente familiar de amor e fraternidade, os temas eternos mais recorrentes em sua lira não poderiam deixar de ser justamente o modelo romântico, do tipo transcendental. Não é gratuita, por sua vez, a louvação do amor como fundamento existencial expresso nos versos que construiu um belo soneto:

"se pões o amor de lado nada fica,
pois vive na tua alma e no teu sangue
em sua ausência o ser se torna exangue
e tudo ao seu redor se modifica".

Em face desse romantismo incontido, diga-se de passagem, marcante em toda a sua obra, o poeta chegou a fazer uma espécie de balanço sobre essa opção. Fez ajustes de contas com a própria vida romântica, com notável precisão estética, como se vê em "Contemplanção do Final do Outono":

"Deixarei para os que me amam
a esperança de que nunca hei de perdê-
los.
Mas, para os que me ferem ou me
enganam,
lego a rocha fatal dos pesadelos".

É interessante notar que Benevides escreveu e experimentou todos os gêneros e formas poéticas. Isso quer dizer que semeou em diferentes jardins da criação. No poema prosa "Poesia e Destino", certamente uma referência à guerra-fria, o poeta se antecipa aos mísseis que chegariam à noite como ladrões e latejantes medos. Adverte que:

"é necessário que estejamos vivos para
orar pelos mortos, ou para restaurar, ao
som de violas desprezadas, o verde
caminho das montanhas, onde bois
ruminam a nossa infância e andorinhas
nos aguardam em alados pastoreios".

Na inspiração de outro momento poético, como em muitas vezes, há um retorno direto do menino à terra natal. Em versos filtrados, livres e refinados, Artur descreveu com iluminura de uma visitação sempre recorrente, uma recriação que nunca o abandonou:

"minha infância me contempla
l  onde os verbos são verdes
como as plan cias e as lendas
brilhando imóveis ao sol".

Na dobra destes versos, inclui Artur Eduardo Benevides no quadro da mais pura "pensatividade". Ora, o sujeito da contemplação é a infância e não o poeta. Nesta curiosa inversão, o poeta é o objeto contemplado. Aliás, inusitadamente, tudo neste poema constitui estado de infância: os verbos (que são não maduros), as plan cias, participam também do mesmo verde (florestas maninhas que não foram desmatadas), as lendas, justamente as histórias que narram   aurora do homem e até o brilho sobre todos esses elementos imobilizados ao sol seria uma infância do dia, posto que a tarde se deseja adolescente, a noite adulta e, finalmente, a madrugada, lembrando o poeta Paulo Bomfim, uma dama "que levávamos orgulhosamente pelo braço".

Em "Lamento Sobre a Desapari  o do Tempo", o poeta não retorna diretamente   Pacatuba. Mas compara sutilmente os tempos em que viveu no pequeno povoado e na cidade maior. Relembra: "os domingos chegavam com perfume". Neles, "as notícias vinham-nos de longe/ mas nosso mundo inteiro estava ali". Finalmente, Artur recorre à ideia de José de Alencar: "havia um pouco mais de luz e fantasia". Diante destes resquícios, "tínhamos sinais do paraíso".

Sou agradecido   Academia Cearense de Letras pela distinção e escolha do meu nome. Sou grato ao Ministro Napoleão Nunes Maia Filho, pelas palavras generosas, nessa data de enorme satisfação, um dia que será selado no envelope da minha memória com a goma  r bica da gratidão.

Andando livremente pelos corredores deste casarão, o prédio número 01 da Rua do Rosário, o novo Palácio da Luz, penso nos seus grandes vultos, escritores que venerei, e nesta reflexão sinto que eles são imagens que abandonaram suas molduras para me tutelar neste momento. Durval Aires de Menezes, um dos integrantes do Grupo Clã (basta ler os números iniciais da revista), e que ocupou a cadeira nº 28, onde estiver, deve estar muito feliz por esta luminosa manhã. Até então, um pouco de sua memória sobrevivia sob o incenso do acadêmico Cesar Barros Leal. Agora, seu nome respira mais forte por sua semente, por seu próprio rebento Durval Aires Filho.

Quanto ao meu patrono Artur Eduardo Benevides, o Príncipe dos Poetas Cearenses, a grande vocação para o poema, o mestre da poesia, seu talento jamais será olvidado por este novel acadêmico. Inquestionável, em todos os sentidos, a sua contribuição literária. Como Gabriel Garcia Marques, sinto, em cada linha que escrevo, o espírito esquivo da poesia. De uma vez por todas, o poeta guatemalteco Luis Cardoza y Aragon me convenceu: "a poesia é a única prova concreta da existência do homem".

Muito obrigado.